

A GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO NORTE NO ENSINO MÉDIO: PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MOSSORÓ/RN

The geography of Rio Grande Do Norte in high school: the perspectives of teachers from Mossoró/RN

*La geografía de Rio Grande Do Norte en la educación secundaria:
perspectivas de profesores de Mossoró/RN*



Lucas Rihan da Silva Pinto 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: lucasrihangeo@gmail.com

Maria José Costa Fernandes 

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
E-mail: mariacosta@uern.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender de que forma os professores de Geografia do Ensino Médio da cidade de Mossoró/RN percebem e trabalham a Geografia do Rio Grande do Norte em suas práticas pedagógicas. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e aplicação de questionários a professores da rede pública e privada. Foram analisados aspectos como formação docente, uso de documentos normativos e os impactos do Novo Ensino Médio. Os resultados apontam que, apesar do reconhecimento da importância de trabalhar conteúdos regionais, os professores enfrentam dificuldades relacionadas à formação inicial pouco contextualizada, à escassez de tempo em sala e à ausência de materiais didáticos específicos. Além disso, muitos desconhecem legislações e documentos, como a Lei nº 8.584/2004 e o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar, que poderiam subsidiar suas práticas. Diante disso, conclui-se que é necessário repensar as grades curriculares das licenciaturas e incentivar a formação continuada dos professores para que aconteça uma formação crítica e cidadã.

Histórico do artigo

Recebido: 30 julho, 2025
Aceito: 05 dezembro, 2025
Publicado: 12 fevereiro, 2026

<https://doi.org/10.33237/2236-255X.2026.7376>



Palavras-chave: Ensino de Geografia; Professores; Lugar; Geografia do Rio Grande do Norte; Ensino Médio.



ABSTRACT

This study aims to understand how high school Geography teachers in the city of Mossoró/RN perceive and address the Geography of Rio Grande do Norte in their teaching practices. The research follows a qualitative approach, based on bibliographic review and the application of questionnaires to teachers from public and private schools. It analyzes aspects such as teacher education, the use of official curriculum documents, and the impacts of the New High School reform. The results indicate that, despite recognizing the importance of working with regional content, teachers face difficulties related to initial training that is not sufficiently contextualized, lack of time in the classroom, and the absence of specific teaching materials. In addition, many are unfamiliar with legislation and documents such as Law No. 8.584/2004 and the Curricular Framework of Potiguar Upper Secondary Education, which could support their practices. Therefore, it is concluded that it is necessary to rethink the curricula of teacher education programs and to encourage continuous professional development so that a critical and citizenship-oriented education can take place."

Keywords: Geography Teaching; Teachers; Place; Geography of Rio Grande do Norte; High School.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo comprender de qué manera los profesores de Geografía de la Educación Secundaria de la ciudad de Mossoró/RN perciben y abordan la Geografía de Rio Grande do Norte en sus prácticas pedagógicas. La investigación adopta un enfoque cualitativo, con revisión bibliográfica y aplicación de cuestionarios a docentes de escuelas públicas y privadas. Se analizaron aspectos como la formación docente, el uso de documentos normativos y los impactos del Nuevo Educación Secundaria. Los resultados indican que, a pesar de reconocer la importancia de trabajar contenidos regionales, los docentes enfrentan dificultades relacionadas con una formación inicial poco contextualizada, la escasez de tiempo en el aula y la ausencia de materiales didácticos específicos. Además, muchos desconocen legislaciones y documentos, como la Ley nº 8.584/2004 y el Referencial Curricular de la Educación Media Potiguar, que podrían respaldar sus prácticas. Por lo tanto, se concluye que es necesario repensar las mallas curriculares de las licenciaturas y fomentar la formación continua de los docentes para que se lleve a cabo una formación crítica y ciudadana.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Profesores; Lugar; Geografía de Rio Grande do Norte; Educación Secundaria.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo com tudo o que se pode aprender sobre o mundo, é no lugar que a vida de cada cidadão acontece. Nesse contexto, o cotidiano precisa ser entendido e analisado pelas pessoas que vivem na sociedade, pois é nesse lugar que a vida se desenvolve. Será também nesse lugar que cada indivíduo encontra algo para se ancorar, viver sua vida e escolher suas lutas.

Neste sentido, fazer com que cada pessoa consiga compreender o que acontece em sua vida local é a chave para que ela possa interligar aquilo que ocorre ao redor do

mundo com o seu cotidiano. Além disso, ainda contribui para a construção das identidades individuais e de um sentimento de pertencimento.

O presente artigo tem como objetivo geral compreender de que maneira os professores do Ensino Médio da cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, percebem e trabalham a Geografia do Rio Grande do Norte em suas práticas pedagógicas. Para alcançar essa meta, buscou-se, em primeiro lugar, situar a Geografia potiguar no contexto do currículo educacional estadual, identificando o espaço e a importância que essa temática ocupa nas propostas curriculares vigentes.

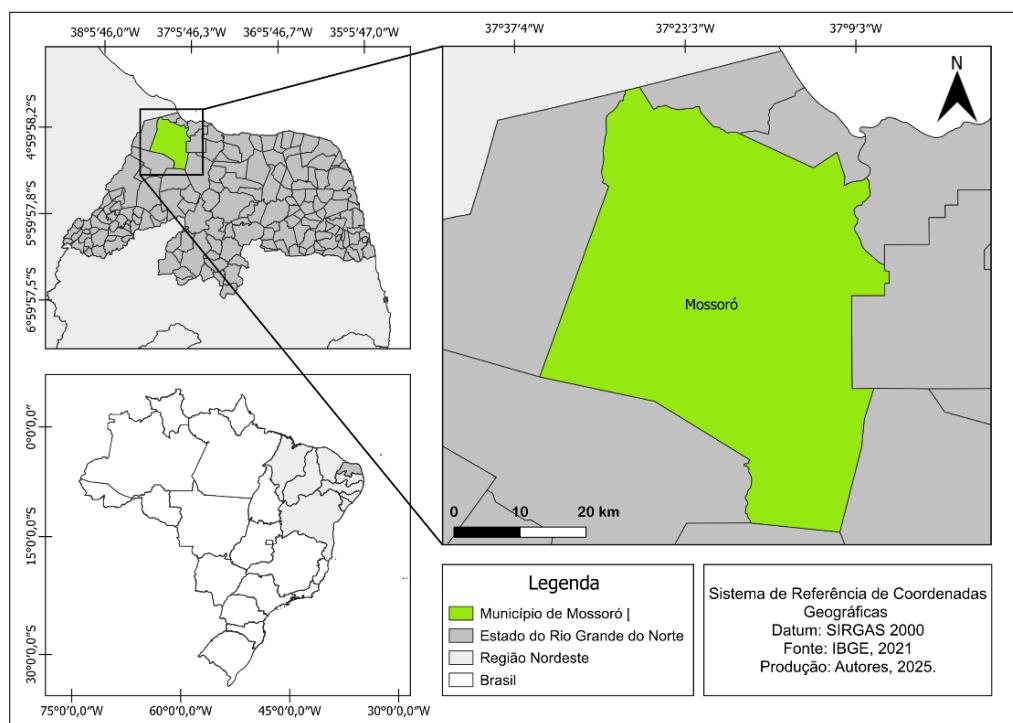
Além disso, pretende-se investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores de Geografia do Ensino Médio em Mossoró, considerando aspectos como a formação docente, os recursos didáticos disponíveis e as condições de trabalho.

Por fim, foi analisado de que forma o Novo Ensino Médio tem impactado o cotidiano escolar desses profissionais, especialmente no que diz respeito ao ensino da Geografia regional. Dessa maneira, esta pesquisa analisou como os professores de Geografia do Ensino Médio das escolas públicas do município de Mossoró (figura 01) trabalham a escala local em suas aulas. Compreende-se essa escala não como a escala cartográfica, mas sim como a escala geográfica dos acontecimentos, sendo esta, nas palavras de Iná Elias de Castro: “[...] a escolha de uma forma de dividir o espaço, definindo uma realidade percebida/concebida” (Castro, 1995, p. 136).

Compreendido que a escala pode ser um recorte do espaço geográfico, a escala local que este trabalho analisou é a unidade federativa do Rio Grande do Norte. A escolha desse recorte se deu devido à facilidade de contextualizar os conteúdos da Geografia com o relevo, a economia, a hidrografia, a população e entre vários outros aspectos que podem ser abordados nas aulas de Geografia do Ensino Médio.

Trabalhar com a Geografia do Rio Grande do Norte é trabalhar uma parte importante do lugar dos alunos. Mesmo que eles não compreendam isso de início, a apresentação do conteúdo e a localização da cidade de cada um dentro dessa unidade federativa farão com que assimilem mais facilmente as diferentes escalas de análise que existem dentro da ciência geográfica. Infelizmente, devido à grande quantidade de conteúdos e à redução da carga horária, os professores de Geografia podem encontrar obstáculos quando forem contextualizar os conteúdos da disciplina com a Geografia potiguar.

Figura 01 – Mapa de localização da cidade de Mossoró.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Isso posto, é notório que o lugar deve fazer parte das aulas de Geografia. A maioria dos teóricos de Ensino e Educação Geográfica concordam que este deve ser o ponto de partida para as reflexões realizadas em sala. Entretanto, a Geografia, em muitos casos, acaba se tornando aquela disciplina que carrega a responsabilidade de explicar tudo o que acontece ao redor do mundo. Ao tentar fazer isso, o professor de Geografia pode acabar perdendo o fio condutor que leva o discente a refletir sobre sua realidade: a vida real desse aluno.

É quando o aluno se percebe como um indivíduo pensante, que pode atuar na sociedade, que se pode pensar na formação geográfica deste. Os alunos precisam terminar o Ensino Médio sabendo o que acontece ao redor do mundo, mas também precisam saber como toda essa escala global interfere em sua escala local, no seu dia a dia. Infelizmente, é preciso compreender que não é o professor quem toma todas as decisões sobre o que ministrar ou não dentro da sala de aula.

Particularmente no contexto em que a educação brasileira se encontra, o professor de Geografia enfrenta vários desafios que dificultam a missão de formar cidadãos conscientes de suas escolhas diante da sociedade. Nesse sentido, Farias (2017, p. 138) acrescenta que:

Nesse contexto, com a proposta pragmática do novo Ensino Médio, que se propõe a formar cidadãos produtivos entre os jovens filhos da classe trabalhadora, e, para isso, retira as reflexões geográficas do rol das disciplinas curriculares obrigatórias e acena com a possibilidade de diluí-las em outras disciplinas ou no itinerário ciências humanas e sociais aplicadas, corre-se o perigo de deformar a formação humanista desses jovens.

É nessa ótica que o presente trabalho busca compreender as dificuldades que o professor de Geografia enfrenta em seu dia a dia escolar e como esse profissional tem trabalhado os conteúdos da Geografia potiguar nas aulas do Ensino Médio. Posto isso, questiona-se: é possível trabalhar e contextualizar temas da Geografia do Rio Grande do Norte diante da grande quantidade de conteúdos direcionados para essa disciplina, dentro de uma carga horária cada vez menor?

O questionamento torna-se pertinente, dada a importância que a Geografia do Rio Grande do Norte tem para a formação dos alunos enquanto cidadãos potiguares, capazes de compreender o estado em que vivem. Em síntese, é necessário mensurar todas as dificuldades enfrentadas pelos professores do Ensino Médio para preparar e ministrar suas aulas em consonância com a geografia que se apresenta no cotidiano dos alunos que moram no estado do Rio Grande do Norte.

2 O LUGAR E CURRÍCULO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Durante muito tempo, o ensino de Geografia esteve mais preocupado com o que vinha de fora do Brasil e não com uma Geografia que fosse construída pelos cidadãos brasileiros. Segundo Rocha (1996), as elites brasileiras, que tinham maior interesse na organização do ensino médio, optaram prontamente por implementar um modelo educacional e curricular trazido do exterior. Esse mesmo autor ainda complementa o pensamento dizendo que a geografia escolar brasileira espelhou tudo que estava sendo estudado nas escolas francesas.

Embora a Geografia Brasileira tenha passado por diversas transformações ao longo do tempo, o problema de replicar o que é visto no exterior não foi algo que ficou plenamente no passado. Callai (2001) chama atenção para esse problema ao pontuar que, muitas vezes, as paisagens distantes são descritas com mais detalhamento, enquanto as mais próximas recebem descrições impessoais e distantes da realidade vivida.

Diante disso, torna-se necessário analisar a situação com cautela, considerando que diversos fatores podem contribuir para essa realidade nas salas de aula brasileiras. Em

primeiro lugar, é necessário definir um conceito basilar para essa discussão: o de currículo. Entretanto, definir currículo em um único conceito não é uma tarefa tão simples, tendo em vista que o surgimento do termo currículo está relacionado com o encontro de diferentes movimentos sociais e ideológicos ao longo da história (Hamilton, 1992).

Em suas pesquisas, o referido autor explica o contexto histórico deste conceito e as diversas formas como ele se apresentou ao longo do tempo, variando de significado desde à carreira acadêmica dos alunos até a organização dos conteúdos escolares. Saviani resume toda essa evolução do termo no que diz respeito à pedagogia quando sintetiza que:

A noção de currículo, desde a origem da aplicação desse termo à educação escolar, liga-se às ideias de: controle do processo pedagógico; estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação, de acordo com o público a que se destina e com os interesses dos atores em disputa; ordenação, sequenciação e dosagem dos conteúdos de ensino (Saviani, 1994, p. 60).

Por conseguinte, percebe-se que discutir sobre os conteúdos que devem ou não fazer parte da formação dos alunos é discutir currículo. Isso porque o trabalho docente é constantemente atravessado por diferentes saberes que influenciam o currículo, exigindo que o professor articule contribuições de coordenadores, políticas educacionais e demandas sociais no planejamento de suas aulas (Tardif, 2012). Compreender isto leva a discussão para outro conceito basilar desta pesquisa: o lugar geográfico.

Assim como o conceito de currículo, o conceito de lugar passou por algumas transformações ao longo do tempo. Durante muito tempo, o lugar não era considerado uma categoria da Geografia, tendo em vista que os geógrafos passaram bastante tempo tratando o lugar em um sentido puramente locacional (Holzer, 2003). Com o passar do tempo, a Geografia Moderna passou a conceitualizar o lugar como a parte do Espaço Geográfico que nos é familiar (Tuan, 1977).

É exatamente neste ponto que esse conceito vai de encontro ao tema desta pesquisa, o lugar para um indivíduo pode ser a sua rua, bairro, cidade ou até mesmo estado. O autor supracitado foi um dos grandes expoentes da Fenomenologia e é tido como referência quando se estuda o conceito de lugar.

Sobre a base filosófica da fenomenologia, Merleau-Ponty (2006) explica que a fenomenologia se dedica ao estudo das essências, buscando definir elementos fundamentais como a essência da percepção e da consciência. Ao mesmo tempo, o autor ressalta que essa abordagem filosófica recoloca tais essências no âmbito da existência, entendendo que o homem e o mundo só podem ser compreendidos a partir de sua própria

facticidade.

Posto isso, o presente trabalho busca dialogar com essa base filosófica para que seja discutido como a percepção e as vivências dos alunos potiguares são ignoradas quando seu cotidiano não é introduzido nas aulas de Geografia. Tendo em vista que a percepção de mundo, ainda segundo Merleau-Ponty (2006), é obtida por meio do nosso corpo, o mundo vivido é crucial para a compreensão integral da Geografia.

Nessa lógica, Relph já afirmava que “conhecemos o mundo pré-conscientemente através e a partir dos lugares nos quais vivemos e temos vivido” (1979, p. 16), mostrando que o lugar pode ser o ponto de partida chave para a interpretação do mundo que se apresenta ao redor dos alunos.

Além de ser o ponto de partida, é no lugar que os indivíduos podem conhecer o mundo e compreendê-lo, tendo em vista que os “[...] lugares são a extensão da existência humana, são os homens que dão sentido aos lugares” (Nogueira, 2013, p. 86). Se hoje existe a discussão acerca de uma Geografia mais próxima dos alunos, é o lugar quem vai ajudar a fazer essa aproximação.

Ainda sobre a Geografia Fenomenológica, Pereira et al. (2010) apontam que, na perspectiva fenomenológica, o espaço passou a ocupar posição central nas pesquisas em Geografia. Nessa abordagem, as categorias geográficas se articulam de forma interdependente, criando um campo propício para estudar o espaço por meio de sua relação com o lugar, a paisagem, a região e o território, preservando as conexões entre os fenômenos que se manifestam continuamente no espaço.

Em síntese, o espaço geográfico ganha uma notoriedade ainda maior na Geografia Fenomenológica, e não apenas o espaço, mas todos as outras categorias da Geografia são cobertas de sentidos e experiências. Sobre essa relação entre o espaço e o lugar, a autora Lana Cavalcanti coloca que “[...] o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experenciado” (Cavalcanti, 2013, p. 89). À vista disso, comprehende-se que o lugar é a parte do Espaço Geográfico que carrega os sentimentos das pessoas, é onde os indivíduos vivem, compartilham lutas, alegrias e experiências.

Um dos grandes objetivos da formação geográfica, nos dias de hoje, é contribuir para que o aluno possa construir a sua visão de mundo. Quando questionada sobre como ler o mundo, Helena Copetti Callai responde que deve se considerar a realidade concreta do espaço vivido, ou seja, é necessário partir do lugar (Callai, 2005). Ela ainda acrescenta que é “no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar” (Callai, 2005, p. 234).



Ainda sobre essa leitura do mundo, Costa, Guedes e Bueno (2024) chamam a atenção para o fato que estudantes carregam saberes construídos fora do ambiente escola, seja em seus contextos familiares ou demais ambientes sociais. Esses saberes podem enriquecer o processo de construção de conhecimentos geográficos, especialmente no desenvolvimento da capacidade de interpretar realidade ao seu redor e colaborar para que essa leitura do mundo seja possível.

Dessa maneira, ajudar os alunos a compreenderem o lugar onde vivem e criarem as suas visões de mundo se torna algo imprescindível nos dias de hoje, tendo em vista que a sociedade tem se tornado cada dia mais globalizada e complexa. Castrogiovanni (2002, p. 84) ressalta que “[...] ao mesmo tempo que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos”, ressaltando a importância de se trabalhar o lugar dentro das aulas de Geografia.

Outro autor bastante importante no contexto do Rio Grande do Norte merece ser destacado: José Lacerda Alves Felipe. Um dos pioneiros na pesquisa e ensino de Geografia do Rio Grande do Norte, ele afirma que “[...] o lugar se afirma como a morada de uma sociedade particular. [...] É no lugar que encontramos o sentido das coisas” (Felipe, 2002 p. 228) e mostra que para que se possa compreender os eventos que ocorrem numa escala global, é necessário primeiro entender a escala local e o lugar. Infelizmente, mais uma vez a discussão entre a teoria e a prática merece ser levada em consideração.

Isso porque, embora seja unânime entre a maioria dos teóricos que trabalham com Ensino de Geografia que o lugar e o cotidiano dos alunos devem estar presentes dentro das salas de aula, nem sempre os professores terão tempo de fazer essas contextualizações em suas aulas. Sobre essa dificuldade, Sousa (2017) destaca que a carência de materiais didáticos específicos para abordar os conteúdos relacionados à Geografia do Rio Grande do Norte e a limitação de tempo são os dois desafios mais relatados pelos professores entrevistados para sua pesquisa de mestrado.

A respeito dessa falta de tempo, Silva e et al. (2021, p. 214) acrescentam que a “redução da carga horária dos diversos componentes curriculares, em especial dos da área de Humanas, é uma das que mais diretamente tem afetado o cotidiano dos docentes”. É nesse ponto que a discussão merece ser um pouco mais cautelosa, tendo em vista que os professores estão sendo sobrecarregados de novas demandas que vieram junto à BNCC e o Novo Ensino Médio.

O Novo Ensino Médio começa com a Lei nº 13.415/2017, sancionada durante o governo Michel Temer, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB

– Lei nº 9.394/1996). Essa alteração reformulou a organização do ensino médio e procurou aumentar a flexibilização curricular, bem como incluir os itinerários formativos, aumento da carga horária mínima e entre várias outras mudanças.

Devido à grande repercussão negativa da lei de 2017, o governo federal propôs uma nova reformulação por meio da Lei nº 14.817/2024, promulgada em 04 de abril de 2024. Essa nova lei altera novamente a LDB e representa uma tentativa de reequilíbrio curricular, atendendo alguma das críticas de educadores, sobretudo àquelas relacionadas a formação dos professores, mas, infelizmente, ignorou e manteve vários outros pontos que também foram questionados pelos estudantes, pesquisadores e entidades da área de educação.

À vista disso, percebe-se que o Novo Ensino Médio tem impostos vários novos desafios aos professores e alunos que estão à frente do processo de construção do conhecimento. Farias (2017) resume bem toda essa reforma quando coloca ela como uma reforma que mais deforma que transforma, nas palavras do autor: “[...] o projeto novo Ensino Médio corresponde a uma reforma que deforma a formação dos jovens pobres brasileiros” (Farias, 2017, p. 148).

É notório então, que a reforma do ensino médio prejudicou, sobretudo, os estudantes que já não tinham acesso plenamente a escola, para Corrêa et al (2022, p. 50) “Essas medidas ameaçam aumentar as desigualdades sociais e a não garantia de muitos direitos constitucionais, de forma não democrática e ilícita perante a Constituição”. Também é válido ressaltar o novo governo que assumiu a partir de 2022, vem tentando implementar novas emendas e projetos que ajudam a manter não apenas o acesso, mas a permanência dos alunos na escola até o fim do Ensino Médio.

Mesmo assim, o ‘Novo Ensino Médio’ ainda é algo que tem preocupado os pesquisadores e professores do Brasil, tendo em vista que ele ainda está a pleno vapor nas escolas do Brasil. Evangelista e Silva (2025) chamam a atenção para os impactos dessas mudanças para o ensino de Geografia, visto que antes o currículo permitia ao professor promover uma formação mais reflexiva e a nova proposta reduziu essa possibilidade ao priorizar conteúdos instrumentais, como habilidades cartográficas, em detrimento de uma abordagem mais crítica da disciplina.

Os mesmos autores ainda ressaltam o papel dos professores quando destacam a importância de que os professores busquem alternativas pedagógicas que valorizem as conexões com a realidade vivida pelos estudantes e promovam sua participação ativa nas aulas. Essa postura favorece a construção de significados mais consistentes sobre os

conteúdos estudados e amplia a compreensão dos motivos que sustentam os arranjos socioespaciais (Evangelista e Silva, 2025).

Castellar também levanta a importância de não focar apenas nos conteúdos instrumentais quando diz que “Para orientar-se, perceber as distâncias, localizar-se e compreender os fenômenos o aluno deve ler a paisagem e não apenas desenhar mapas” (Castellar, 2005, p. 212). Ela ainda pontua que o estudante deve ser levado a estabelecer relações entre os lugares onde ele vive, desenvolvendo o raciocínio geográfico e formando um olhar capaz de compreender o espaço vivido. A capacidade de agir sobre o lugar onde vive torna-se essencial para que o aluno conheça sua realidade, atribuindo sentido ao discurso geográfico. Tudo isso, segundo a autora, representaria a concretização da educação geográfica.

Em outra pesquisa realizada anteriormente, o autor deste trabalho afirma que, para fazer com que os alunos potiguares compreendam o lugar onde vivem e saibam agir sobre ele, é necessário contextualizar os temas do livro didático com os aspectos norte-rio-grandenses (Silva Pinto e Fernandes, 2024). Além disso, os mesmos autores constataram que:

[...] a Geografia do Rio Grande do Norte é a ponte necessária para que o Lugar dos alunos potiguares seja inserido dentro das salas de aula. O professor que edifica essa ponte, faz com que seus alunos não fiquem presos apenas de um lado da Geografia, mas que eles possam explorar todo o universo de possibilidades que existe entre a escala local e global de acontecimentos (Silva Pinto e Fernandes, 2024, p. 16).

Diante do exposto, percebe-se que a Geografia do Rio Grande do Norte pode ser uma aliada ao professor para a execução de uma aula contextualizada com a realidade dos alunos potiguares. Contudo, a visão daqueles que estão à frente deste processo também precisa ser levada em consideração, para isso, a próxima seção apresentará a metodologia deste trabalho e como os professores foram incluídos nesse processo.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem metodológica de natureza qualitativa e explicativa, fundamentada, inicialmente, em uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2019), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo principal proporcionar uma análise aprofundada das contribuições teóricas já produzidas sobre determinado tema, oferecendo

um suporte conceitual que fundamenta a investigação.

No caso deste estudo, os temas centrais envolvem currículo, ensino de Geografia, conceito de lugar, formação docente e as especificidades da Geografia do Rio Grande do Norte. Dentre os autores que foram utilizados, pode-se destacar: Callai (2005); Cavalcanti (2013); Castrogiovanni (2002); Evangelista e Silva (2025); Felipe Lacerda (2002); Holzer (2003); Merleau-Ponty (2006); Relph (1979); Saviani (1994); Silva Pinto e Fernandes (2024); Sousa (2017); Steinke *et al* (2025) e Tuan (2013).

A fundamentação teórica desses autores foi articulada à realidade local do município de Mossoró/RN, de modo a aproximar a análise acadêmica do contexto vivenciado por professores atuantes no ensino médio. Esse movimento visa compreender como os saberes teóricos dialogam com as práticas educacionais desenvolvidas na vivência dos professores.

A cidade de Mossoró, localizada na região oeste do Rio Grande do Norte (como mostrado no mapa da figura 1), é o segundo maior município do estado, com uma população estimada em cerca de 280 mil habitantes no ano de 2025, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025). Essa realidade demográfica e socioeconômica proporciona à cidade de Mossoró um papel estratégico no cenário educacional potiguar, sendo uma oportunidade para compreender como a Geografia regional e local são abordadas nas escolas.

O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário estruturado, elaborado com perguntas fechadas e abertas, possibilitando a coleta de informações objetivas e subjetivas. A pesquisa empírica foi realizada com apenas 10 (dez) professores de Geografia do ensino médio, pertencentes às redes pública e privada de ensino. De acordo com Marconi e Lakatos (2017, p. 201), o questionário é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

A aplicação do questionário foi realizada pela plataforma do Google Forms, respeitando a disponibilidade dos professores e as exigências éticas relacionadas ao consentimento livre e esclarecido dos participantes. Por adotar uma abordagem qualitativa, esta pesquisa não se concentra na representatividade estatística dos dados, mas na compreensão do sentido e das práticas docentes relacionadas à inserção da Geografia do Rio Grande do Norte no currículo escolar. Como afirma Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando os significados atribuídos por eles às suas experiências.

Além da aplicação do questionário, também foram analisados documentos normativos que orientam a prática pedagógica no estado, como o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar (2021) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A inclusão da análise documental possibilita compreender as diretrizes institucionais que moldam o ensino de Geografia, especialmente no que se refere aos conteúdos regionais.

O Referencial Curricular, elaborado pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, tem como objetivo orientar a organização curricular das escolas da rede estadual. Já a BNCC, documento normativo de abrangência nacional, estabelece competências e habilidades a serem desenvolvidas em todas as etapas da educação básica.

Por fim, os dados obtidos por meio do questionário foram organizados e apresentados por meio de gráficos e tabelas, com o objetivo de favorecer a visualização e interpretação dos resultados. A próxima seção apresenta esses dados da pesquisa e tem como objetivo analisar como é que os professores do ensino médio fazem essa ponte entre a escala local e global. Bem como busca compreender como a Geografia do Rio Grande do Norte está sendo trabalhada por parte dos professores pesquisados.

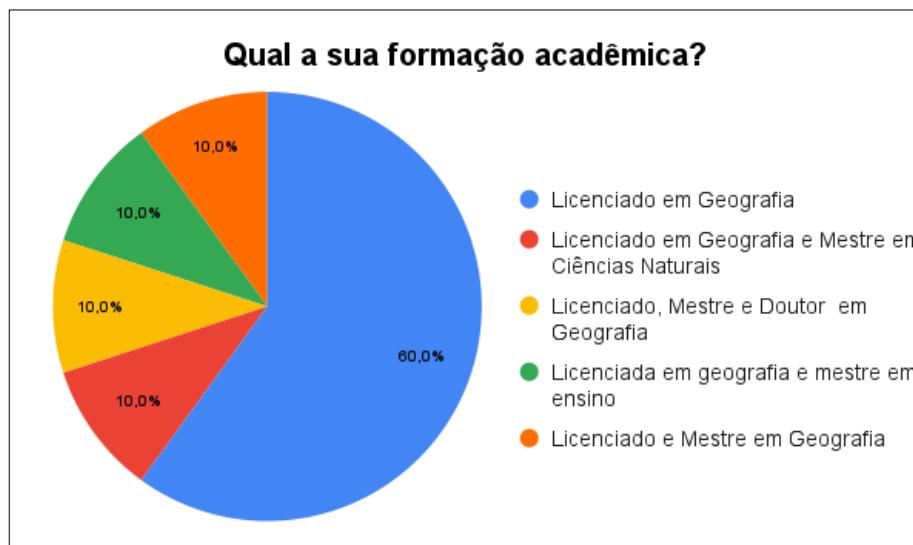
4 A GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO NORTE NA PERSPECTIVA DOCENTE

Como colocado na seção anterior, o questionário da pesquisa foi respondido por 10 professores do ensino médio das escolas de Mossoró, Rio Grande do Norte. Desses dez, cinco professores atuam em escolas privadas e cinco atuam em escolas públicas, sendo que um desses professores trabalha em ambos os segmentos (público e privado).

Castro Régis et al (2025) colocam que a formação inicial dos professores de Geografia exerce papel primordial para o êxito na trajetória profissional docente. Por esse motivo, a primeira pergunta do questionário foi sobre a formação acadêmica dos professores pesquisados. A resposta dos professores pode ser visualizada no gráfico 01.

Como pode ser visualizado no gráfico, 60% dos professores pesquisados são apenas licenciados em Geografia, outros 30% possuem mestrado (em Geografia, Ciências Naturais e em Ensino) e 1 dos professores apresenta mestrado e doutorado. Esses dados são relevantes para compreender e aprofundar as respostas dos docentes que serão analisadas, tendo em vista que a formação inicial é uma das principais fontes teórica para as aulas de Geografia.

Gráfico 01 – Formação acadêmica dos professores



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

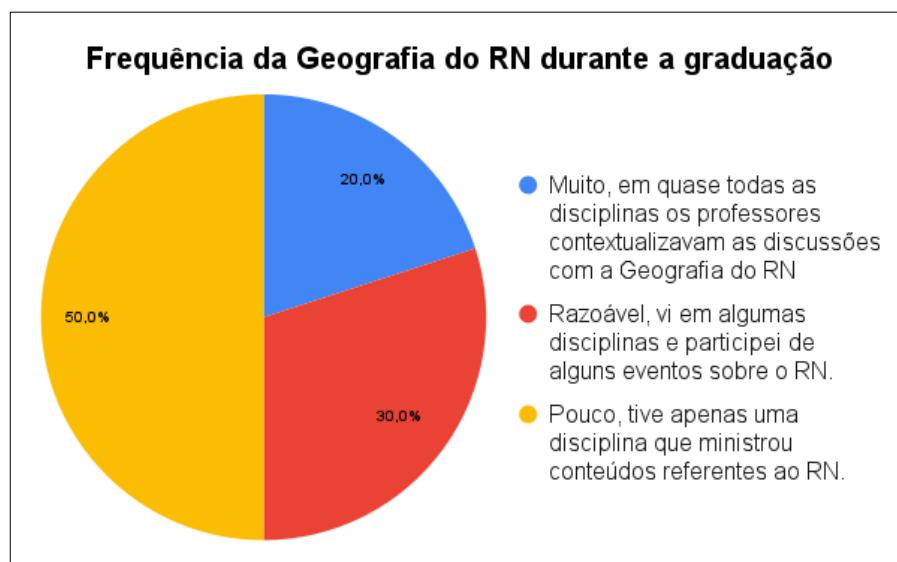
Além disso, esse dado também corrobora a discussão levantada por Steinke *et al* (2025, p.10) quando afirmam a “formação de professores de Geografia no Brasil revela-se como um campo repleto de carências, exigindo atenção urgente tanto à formação inicial quanto aos processos de formação continuada”, tendo em vista que é necessário compreender as razões que levam a tantos professores não continuarem as suas formações em programas de mestrado e/ou doutorados.

Uma das carências citadas pelo autor é a distribuição desigual de programas de pós-graduação em Geografia (Steinke *et al*, 2025), considerando que esses programas só estão presentes nas capitais e polos regionais. Lamentavelmente, essa situação fica ainda mais complicada quando se nota que ainda é comum que os cursos de licenciatura em Geografia priorizem excessivamente o conhecimento acadêmico, estruturando grades curriculares muito desvinculadas da realidade escolar (Viana *et al*, 2024).

Esse fato colabora para que muitos conteúdos não tenham a devida contextualização com a realidade local e nem seja orientado como fazer a transposição didática dos mesmos nos cursos de formação inicial. Esse cenário leva a compreender a dificuldade dos professores em ir além das aulas tradicionais e conteudistas e ajudar os alunos a lerem o mundo onde vivem.

Sobre essa problemática, o gráfico 02 vai mostrar as respostas dos professores quando questionados sobre a frequência que eles viram os conteúdos de Geografia do Rio Grande do Norte durante suas respectivas formações acadêmicas.

Gráfico 02 – Frequência da Geografia do Rio Grande do Norte durante as aulas da graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

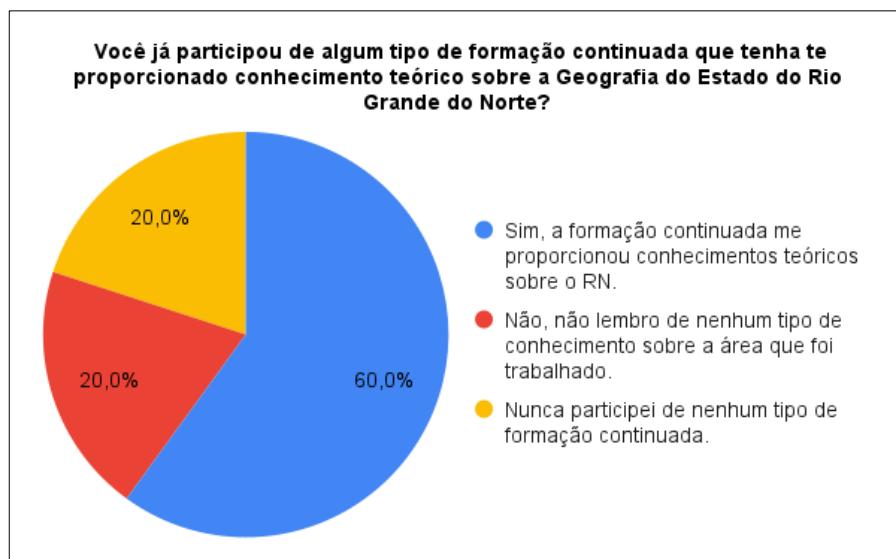
Como pode ser observado, 80% dos professores consideram que a presença de temas relacionados à Geografia do Rio Grande do Norte foi pouca ou razoável, sendo que apenas 20% relataram ter visto essa contextualização acontecer em quase todas as disciplinas. Isso levanta a reflexão sobre como os professores podem lecionar e ensinar conteúdos que não lhe foram ensinados dentro das salas de aula da licenciatura. A situação fica ainda mais complexa quando se entende que, em geral, os livros didáticos não trazem essa contextualização com a Geografia do lugar.

Outro dado interessante é que quando foram questionados se consideravam importante que as Licenciaturas trabalhem com os conteúdos da Geografia do lugar, todos os professores responderam que consideram muito importante que aconteça essa correlação entre os conteúdos das disciplinas com os conteúdos referentes ao município ou estado no qual o curso está localizado. Esse dado prova que os docentes julgam ser necessário que essa contextualização aconteça.

Além disso, isso precisa ser levado em consideração pelas licenciaturas do estado para que os cursos possam compreender como a construção das grades curriculares é importante para a formação dos professores. Como bem pontua António Nóvoa, “A ligação entre a formação e a profissão é central para construir programas coerentes de formação, mas é também central para o prestígio e para a renovação da profissão docente” (Nóvoa e Alvim, 2022, p. 64), mostrando a renovação que a educação precisa começar na formação inicial.

Infelizmente, como pode ser percebido no gráfico anterior, ainda existe muitos desafios a serem enfrentados e muito a ser discutido sobre a presença da Geografia local nos cursos de graduação. Em outra pergunta, foi levantado um questionamento sobre a importância da formação continuada para o ensino da Geografia do estado, os resultados podem ser visualizados no gráfico 03:

Gráfico 03 – Formação continuada dos professores.

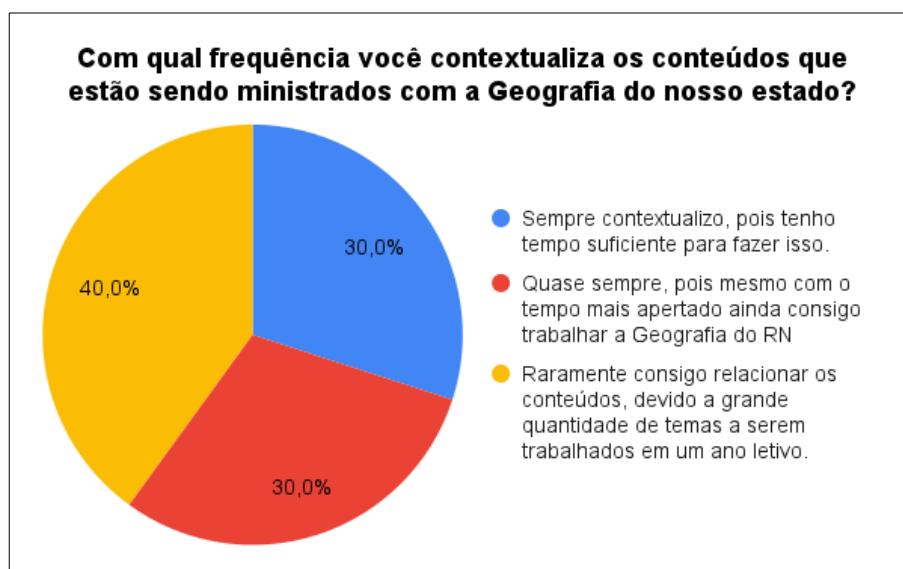


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Como pode ser analisado, a maioria dos professores relatou que a formação continuada ajudou a construir um embasamento teórico sobre o Rio Grande do Norte, mostrando que essa formação é de grande importância para que os profissionais da educação continuem adquirindo conhecimentos, sobretudo aqueles que não foram vistos durante suas licenciaturas. Conforme destaca Gomes (2024), a formação continuada ainda precisa estar alinhada ao contexto de atuação do docente, considerando as especificidades de cada escola e as necessidades particulares das turmas, especialmente no ensino de Geografia.

A próxima seção do questionário se dedicou a fazer perguntas sobre as práticas cotidianas dos professores. A questão de número 7 introduz essa seção e é muito importante para a discussão que está sendo levantada nesse artigo, o gráfico abaixo mostra as respostas dos professores quando questionados sobre a frequência que eles contextualizam os conteúdos de Geografia com a Geografia do Rio Grande do Norte.

Gráfico 04 – Geografia do Rio Grande do Norte nas aulas do Ensino Médio.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Primeiramente, os professores podem ser divididos em dois grupos: 30% relatam que possuem tempo suficiente para fazer essa contextualização e sempre fazem isso com facilidade; outros 70% relatam uma certa dificuldade com a relação entre tempo e conteúdo. Essa maioria de setenta por cento comprova a dificuldade citada no referencial teórico desse trabalho por Silva et al. (2021), quando relatam sobre a falta de tempo dos professores de Ciências Humanas.

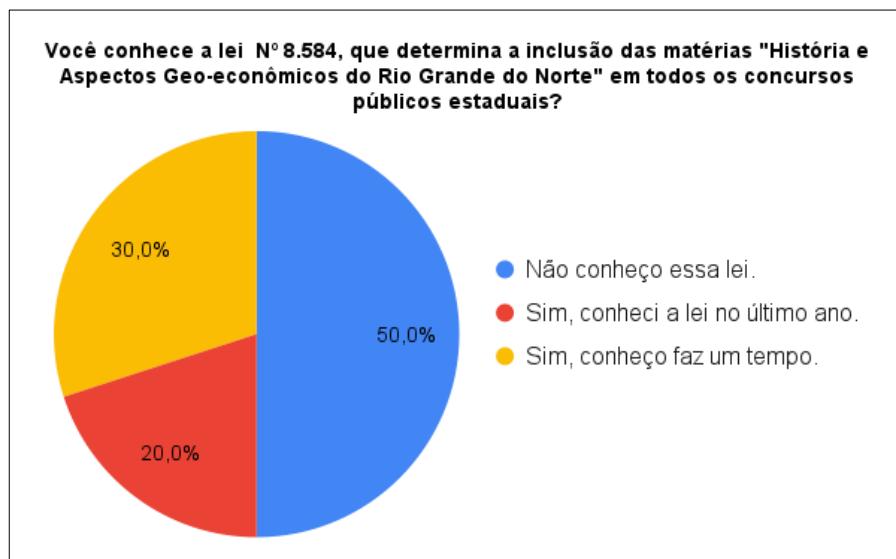
Ademais, dentro do universo dos que relataram a dificuldade de tempo, 40% concordam que existem muitos conteúdos a serem trabalhados em um ano letivo e isso faz com que não seja possível trabalhar a Geografia do Rio Grande do Norte com mais frequência nas salas de aula. Isso revela que os professores enfrentam vários desafios para contextualizar a Geografia local dos alunos potiguares, que perpassam desde a formação inicial até a regência em sala, como já foi apontado pela análise feita até então.

Um ponto que foi questionado e também merece ser citado foi a opinião dos professores sobre a relevância que a Geografia do Rio Grande do Norte tem diante dos temas que mais caem no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Todos os professores (100%) concordaram que, mesmo não sendo um conteúdo recorrente na prova do ENEM, a Geografia Norte-rio-grandense é importante para que os alunos possam aprender mais sobre o estado onde vivem. Mostrando mais uma vez que os professores concordam com a problemática que está sendo debatida.

De igual modo, mesmo não sendo um conteúdo que seja constante no ENEM, é

importante levar em consideração que a Lei Nº 8.584, aprovada em 2004, determina a inclusão da História e Aspectos geoconômicos do Rio Grande do Norte em todos os concursos públicos estaduais. Essa Lei foi bastante debatida nos primeiros meses de 2025 devido a sua inclusão no concurso público para seleção de professores no estado potiguar, o gráfico 05 mostra os resultados relacionados ao conhecimento desta Lei por parte dos professores:

Gráfico 05 – Conhecimentos dos professores acerca da Lei nº 8.584

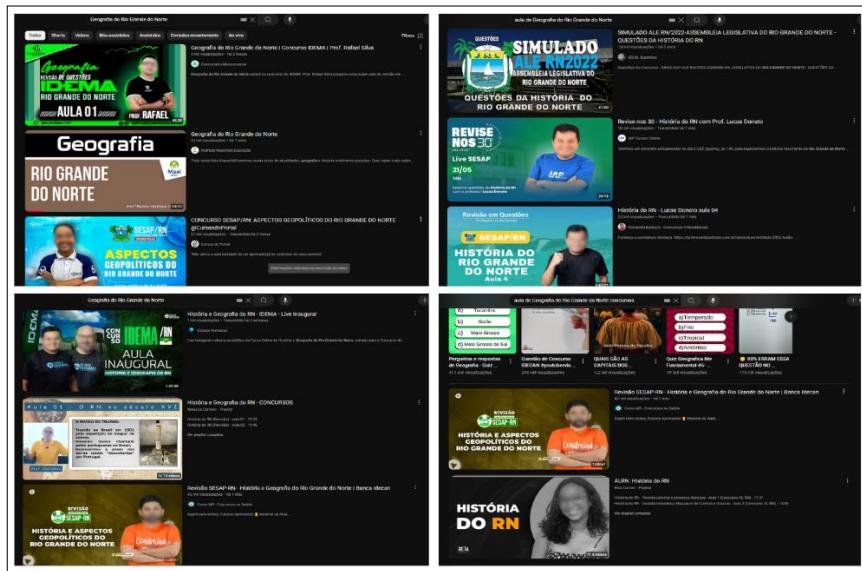


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

A referida Lei estabelece a presença dos conteúdos geográficos e históricos do Rio Grande do Norte em todos os concursos que não organizados no estado, contudo, metade dos professores relatam não conhecer essa Lei. Isso levanta a questão que não serão apenas aqueles que vão seguir na área específica de Geografia ou História que irão precisar de tais conhecimentos, mas todos aqueles alunos que forem prestar algum tipo de concurso público, irão precisar que seus professores da rede básica tenham tal percepção. É nesse ponto que se torna preocupante o fato de 50% dos professores não possuírem conhecimento sobre tal lei.

Ainda sobre esse dado, quando é pesquisado na plataforma de vídeos Youtube “Geografia do Rio Grande do Norte” ou “Aula de Geografia do Rio Grande do Norte”, aparecem muitas videoaulas que são específicas de História e Geografia do RN para concursos (figura 02). Isso mostra que muitos professores recém licenciados podem atuar também para ministrar conteúdos relacionados a Geografia do estado, como também os alunos podem encontrar recursos disponíveis para que possam estudar.

Figura 02 – Aulas sobre História e Geografia do Rio Grande do Norte na plataforma do Youtube



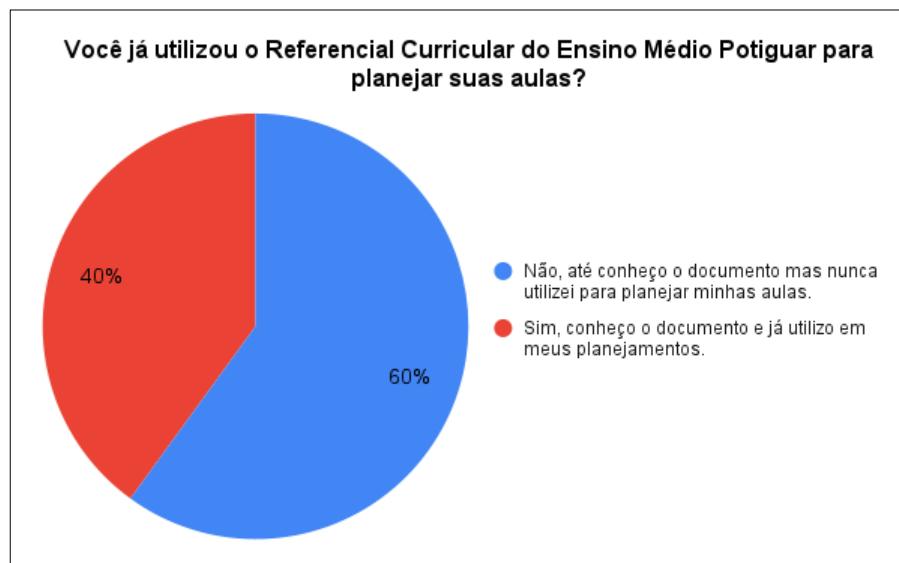
Fonte: Mosaico de pesquisas elaborados pelo autor, 2025.

Por outro lado, sabe-se que os alunos não podem ser formados apenas para que sejam aprovados em uma prova de vestibular ou de um concurso público. A construção dos saberes por parte dos professores de Geografia deve propiciar uma formação cidadã para os alunos do ensino básico, indo além de um simples exame e provas. Isso não tira o mérito daqueles que desejam avançar nos estudos e seguir carreiras universitárias ou no serviço público, mas leva o ensino de Geografia para a sua principal missão: formar cidadãos conhecedores e participantes do espaço onde vivem.

Sabendo dessa importância, o governo do estado formulou o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar, que contextualiza o documento da Base Nacional Comum Curricular com os aspectos históricos, culturais e geográficos do estado. Com isso, o referencial serve de base para que os professores possam planejar suas aulas com as devidas contextualizações com o lugar dos alunos. O gráfico 06 exibe os dados da questão sobre a utilização deste documento por parte dos professores.

Percebe-se que a maioria dos professores não fazem uso do documento supracitado em seus planejamentos. Esse dado junta-se aos demais que foram levantados e conseguem mostrar que os professores do ensino médio de Mossoró passam por dificuldades para conseguir ministrar aulas que sejam contextualizadas com a Geografia do Rio Grande do Norte, provando que não é a simples inserção em leis e documentos reguladores que irão garantir que isso aconteça.

Gráfico 06 – Uso do Referencial Curricular pelos professores



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Torna-se necessário pensar além de tudo isso, levando em consideração a formação inicial dos professores por parte dos cursos de licenciaturas, bem como continuar a incentivar e gerar meios para a formação continuada deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise que foi realizada, é evidente que os professores de Geografia do Ensino Médio em Mossoró enfrentam alguns desafios significativos para trabalhar os conteúdos relacionados à Geografia do Rio Grande do Norte em suas aulas. A pesquisa demonstrou que, apesar do reconhecimento da importância de contextualizar os temas geográficos com a realidade local, fatores como a formação inicial insuficiente, a sobrecarga de conteúdos e a limitação de tempo em sala de aula comprometem a devida efetivação desse objetivo.

Ficou claro que os professores compreendem a relevância de inserir o lugar como ponto de partida para o ensino de Geografia e reconhecem que os conteúdos regionais contribuem para uma formação mais crítica e cidadã dos estudantes. No entanto, também se mostrou que a realidade educacional, marcada pela reforma do Novo Ensino Médio e pelas demandas da BNCC, tem dificultado esse processo, tanto por questões estruturais quanto curriculares.

Um dos objetivos centrais deste trabalho foi verificar como a Geografia do Rio Grande do Norte vem sendo abordada no Ensino Médio e compreender os fatores que influenciam essa abordagem. Nesse sentido, a pesquisa cumpriu esse objetivo ao revelar, com base na percepção dos docentes, os principais entraves para a valorização da escala local nas aulas de Geografia.

Além disso, foi possível constatar que há um consenso entre os professores pesquisados quanto à necessidade de revisar as grades curriculares dos cursos de licenciatura, bem como fortalecer a formação continuada para suprir lacunas da formação inicial.

Outro aspecto relevante que foi identificado é o desconhecimento, por parte de muitos professores, de instrumentos legais e documentos normativos que poderiam subsidiar suas práticas pedagógicas, como a Lei nº 8.584/2004 e o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar. Essa constatação reforça a urgência de aproximar os docentes desses recursos e promover políticas públicas estaduais que incentivem a utilização dos mesmos e ajude os professores neste processo, compreendendo que esse não deve ser um trabalho individual de cada professor.

Assim, conclui-se que, apesar dos obstáculos, há um campo fértil para a valorização da Geografia do Rio Grande do Norte nas escolas, desde que haja esforços conjuntos entre as universidades, as redes de ensino, o governo e os próprios educadores. Acredita-se que ao lançar luz sobre essa problemática, esta pesquisa contribui com a construção de uma educação que respeite, valorize e compreenda o lugar como ponto de partida para o entendimento do mundo, levando em consideração que é nesse lugar onde a vida de cada aluno se desenvolve.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

CALLAI, H.C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 227-247, 2005.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, n. 16, p. 133-152, 2001.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLAR, S. Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.

CASTRO, I. E. de. O problema da escala. In: CASTRO, I. E. de; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. da C. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 114-140.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; KAERCHER, A. N. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CORRÊA, S. de S.; FERRI, C.; GARCIA, S. R. de O. O que esperar do Novo Ensino Médio? **Retratos Da Escola**, v. 16, n. 34, p. 15-21, 2022.

COSTA, G. da S.; GUEDES, J. de A.; BUENO, M. A. ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR DE ASSÚ (RN): MATERIAL DIDÁTICO PARA O ESTUDO DO LUGAR. Revista Geotemas, Pau dos Ferros, v. 14, n. 1, p. e02403, 2024. DOI: 10.33237/2236-255X.2024.5354. Disponível em:

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/5354>. Acesso em: 12 fev. 2025.

EVANGELISTA, A. M.; SILVA ARAUJO, L. D. da. O ensino de Geografia no processo de implementação do Novo Ensino Médio: direções e desafios. **Revista Signos Geográficos**, v. 7, p. 1-20, 2025.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A REFORMA QUE DEFORMA: O NOVO ENSINO MÉDIO E A GEOGRAFIA. **PENSAR GEOGRAFIA**, [S. I.], v. 1, n. 2, p. 129–149, 2020. DOI: 10.26704/pgeo.v1i2.747. Disponível em:

<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/PGE0/article/view/747>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FELIPE, J. L. A. O local e o global no Rio Grande do Norte. **Globalização e desigualdade**. Natal: AS Editores, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, F. F. Importância da formação continuada no ensino de geografia. In: KOCHHANN, Andrea (Org.). **Rumo ao futuro da Educação: tendências e desafios**. Campina Grande: Licuri, 2024, p. 33-42

HAMILTON, D. Sobre as origens dos termos Classe e Currículo. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, 1992.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros**, 2025.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NOGUEIRA, A. R. B. Lugar como representação das existências. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83-89.

NÓVOA, A; ALVIM, Y. **Escolas e professores**: proteger, transformar, valorizar. Salvador: Sec/IAT, 2022. p. 32-52.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**, v. 11, n. 35, p. 173-178, 2010.

RELPH, E. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, São Paulo. Tradução Herbert S. A. Pinho Halbsgut, v. 04, n. 07, abril, 1979, p. 01-25.

ROCHA, G. O. R. de. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837–1942)**. Dissertação (Mestrado) – PUC, São Paulo, 1996.

SAVIANI, N. **Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SILVA, M.G.; SOUZA, S. S.; SILVA, C.S.; BRAGA, M. C. B.; QUEIROZ, M. C. M. A BNCC, a redução da carga horária de Geografia e o dilema da seleção dos conteúdos: um debate necessário. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 4, n. 3, 2021.

SILVA PINTO, L. R. da; FERNANDES, M. J. da C. A Geografia potiguar invisibilizada nas aulas do Ensino Médio. **Pensar Geografia**, v. 8, n. 1, 2024.

SOUSA, P. T. da S.; **Geografia Escolar: O Rio Grande Do Norte como conteúdo na disciplina de Geografia no ensino médio**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2017

STEINKE, V. A.; DAVID, C; RIBEIRO, E. A. W.; CALANDRO, T. L.; SILVA, C. F. A.; SALGADO, P. H. C. Formação de professores de Geografia no Brasil e expansão da Rede PROFGEO. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 29, p. e91098, 2025.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. SciELO-EDUEL, 2013.

VIANA, F. O.; CARVALHO, L. S.; FERREIRA, D. F.; PEREIRA, R. C. C. Formação inicial de professores de Geografia e seus paradigmas: a importância da transposição didática. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 14, n. 24, p. 05-28, 2024.
